

SER Social

COMUNICAÇÕES E
POLÍTICAS SOCIAIS

Brasília (DF), v. 27, nº 56, de janeiro a julho de 2025

Comunicação e educação popular no século XXI: entre a rua e a história

*Communication and popular education in the 21st century:
between the street and history*

*Comunicación y educación popular en el siglo XXI:
entre la calle y la historia*

Entrevistado: Thiago Gomide Nasser¹
<https://orcid.org/0000-0001-7842-3693>

Entrevistadora: Kênia Augusta Figueiredo^{2,3}
<https://orcid.org/0000-0002-1401-8215>

Thiago Gomide é historiador e jornalista. Possui mestrado em Bens Culturais, História e Política e pós-graduação em História do Brasil. Ele se destaca como criador do canal: “Tá na História”. O

1 Possui graduação em Ciência Política pela Universidade de Brasília (UnB, 2003) e mestrado em Ciência Política e Sociologia pela Sociedade Brasileira de Instrução (SBI/IUPERJ, 2005). É doutorando em Ciência Política pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Foi editor assistente da revista Contributions to the History of Concepts. Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/0235148424111934>>.

2 Assistente social. Mestre em Serviço Social e Políticas Sociais. Doutora em Comunicação. Atualmente, é professora na graduação e na pós-graduação em Política Social do Departamento de Serviço Social da Universidade de Brasília (UnB). É pesquisadora de temas relacionados à comunicação em políticas sociais. Coordena o Grupo de Estudo, Pesquisa e Extensão sobre Comunicação Pública, Assistência Social e Serviço Social (Compass), da UnB.

3 Colaborou com esta entrevista Leonardo Prudente, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Política Social da UnB e integrante do Compass.

criador de conteúdo se tornou conhecido por caminhar pelas ruas de diversas cidades pelo mundo, mas com um amor especial pelo Rio de Janeiro, contando as trajetórias dos lugares e dos personagens.

Com uma linguagem acessível e uma abordagem única, Gomide utiliza as plataformas virtuais para explorar e valorizar a história, que muitas vezes passa despercebida no cotidiano. Gomide acredita que a história não se restringe aos monumentos ou a personagens famosos; pelo contrário, ela está presente em cada canto, rua e trajetória pessoal.

Tal abordagem criativa fez de Gomide um dos nomes mais influentes da Educação no Brasil e o permitiu alcançar mais de um milhão de seguidores com o canal Tá na História no Instagram. O canal tornou-se não só um fenômeno de educação popular, mas também um fórum de debate e reflexão, em que diferentes olhares se encontram e se cruzam. Sempre comprometido com a responsabilidade da informação, Gomide vê seu canal como uma ferramenta de educação popular, especialmente relevante em tempos de crescente intolerância e desinformação. Além do sucesso no Instagram, o Tá na História conta ainda com mais de 220 mil seguidores no YouTube, 600 mil no Facebook e 400 mil no TikTok (cujos dados são de agosto de 2024).

Entrevistado por telefone pela professora Kênia Augusta Figueiredo, em 29 de agosto de 2024, em meio a filmagens nos Estados Unidos, Gomide fala sobre suas motivações para a criação do canal e sobre sua visão referente a questões contemporâneas como polarização, fake news e justiça social. Gomide é um defensor da mídia-educação, pois entende que a melhor forma de combater a desinformação é, desde a escola, capacitar as pessoas a compreender e questionar as informações que recebem. Para ele, a educação popular não se limita às instituições formais, uma vez que ela se estende a todos os espaços onde as histórias são contadas e onde as comunidades têm a oportunidade de se reconhecer e afirmar seu valor histórico. Sua visão e sua experiência oferecem uma luz única aos leitores da Revista SER Social, sobretudo aos estudantes, pesquisadores e profissionais do Serviço Social.

Com experiência no ensino, no jornalismo impresso, radiofônico e televisivo e na produção de conteúdos audiovisuais educativos, Gomide também é colunista do jornal O Dia e do History Channel e autor dos livros “Fora das 4 Linhas” (editado pela Mórula Editorial) e “Amor ao Rio” (publicado pela Editora Senac).

Vamos começar fazendo um panorama sobre o *Tá na História*. Quais foram as suas principais motivações para criar o canal ou quais histórias estão por trás desta história? Quais foram seus objetivos? E como tem sido falar com mais de dois milhões de seguidores, especialmente em tempos de intolerâncias?

Vamos começar pelo final. É claro que é significativo falar com milhões de seguidores, mas, desde o começo, o que me norteia é a responsabilidade com a informação, seja para uma, seja para dez, ou seja, para realmente dois, três, quatro milhões de pessoas. A intolerância é muito marcante nos debates, mas isso não pode afetar o meu trabalho. Eu penso que o *Tá na História* acaba sendo um grande fórum de encontro de diferentes olhares. É o que eu pelo menos procuro: expressar isso, mostrando que não é cabível, num momento de inteligência, nós não escutarmos as ideias alheias, até mesmo para a gente poder melhorar aquilo que nós acreditamos. Então, eu acho que é dessa maneira que eu vou atravessando a intolerância e trazendo as pessoas para a rua, que costuma ser um lugar lotado de cicatrizes e de desafios e, aí, acaba que a rua sensibiliza para que a gente baixe o tom. O *Tá na História* surge a partir de uma inquietação minha e de Fernanda, minha esposa, de entendermos que atravessávamos diferentes lugares não sabendo ou não valorizando aqueles lugares onde nós estávamos. Parecia que nós só conseguíamos enxergar a história a partir dos grandes barões, a partir dos grandes palácios. Então, é gravando na rua, mostrando que, em todo canto, há uma trajetória, há uma história [que mostramos], que isso daí precisa ser valorizado. E os principais objetivos deste trabalho são poder incentivar que as pessoas entendam as suas trajetórias, entendam que fazem parte da história e que estão pisando solos por onde muitos ralaram para aquilo ali existir.

Nesse contexto, como se dá o processo de seleção de lugares e temas?

Esse talvez seja um dos maiores desafios nossos. É uma quantidade enorme de temas, mas aí acaba sendo orgânico: a gente entende muito do que está faltando, do que a gente acha que é importante por razões diversas. Entre os temas, questões que envolvem o social. Mesmo

que a gente esteja em lugares badalados, a gente costuma muito trazer uns olhares cruzados para aquilo, ou seja, histórias pouco conhecidas, personagens pouco explorados, e, na maioria das vezes, a gente quer mesmo ir para cantos aos quais ninguém vai. Acho que esta é uma marca do *Tá na História*: a gente conseguir ir a lugares para onde o turismo não costuma ir. Isso daí vale tanto para quando a gente está fazendo especial fora do país ou dentro em cidades muito conhecidas como o Rio de Janeiro e Campina Grande. Acho que o mais importante é trazer para o público olhares pouco conhecidos.

Ao considerarmos que o mundo da informação na atualidade é o mesmo mundo da desinformação, você considera que a educação popular – aquela comprometida com a transformação, que busca fortalecer as potencialidades do povo, da cultura popular, a conscientização e a participação – pode vir a ser novamente uma tendência, uma possibilidade ou uma necessidade neste tempo de ameaça à democracia, aos direitos da classe trabalhadora e à própria história, já que temos assistido a distorções dos fatos e a retrocessos inimagináveis, como o movimento antivacina, especialmente por ocasião da Covid-19? Como você compreende a educação popular no século XXI? Você considera que o *Tá na História* é um trabalho de educação popular adaptado a este tempo?

O meu mestrado utilizou a mídia-educação ou educomunicação ou educação midiática. Interprete da maneira que quiser, embora esses termos e essas vertentes tenham as suas diferenças. Trato de mídia-educação, que é o caminho que eu segui no meu mestrado. Bem, eu acredito muito que o único ou, melhor dizendo, o principal jeito de se enfrentar a falta de informação, seja ela qual for, é nós termos um contato profundo com a construção midiática desde a escola. Isso daí não significa levar o estudante para um olhar X ou Y, é fazer que o estudante entenda que uma informação que está sendo construída, seja lá por quem for, pode ser uma *fake news*. Como combater isso? Como enxergar os detalhes disso? Como se preparar para um mundo onde nós vamos ser cada vez mais bombardeados? Já éramos, OK? Mas agora cada vez mais bombardeados com notícias ou com informações absolutamente mentirosas para poder dar vantagem a um determinado grupo ou a uma determinada pessoa. Então, a escola é fundamental para que a gente possa contribuir

nesse debate sobre *fake news*, sobre mídia-educação. A educação tem um grande ponto: os professores e as professoras precisam ser capacitados para isso e precisam ser remunerados para isso. Não pode ser mais um problema nas costas dos nossos educadores, das nossas educadoras, que já estão assoberbados, extremamente cansados. E é necessário que a gente tenha essa dupla capacitação e dupla remuneração, de modo que sejam compatíveis com esse tipo de desafio, que é o desafio do século XXI, que é o desafio da informação. Então, a educação popular não fica restrita à escola, independentemente de qual escola seja. A educação popular não fica restrita à rua, porque ela se estende para muitos outros cantos. Então, eu poderia aqui falar sobre vários lugares em que a gente pode implementar uma educação popular, mas eu vou trazer, por exemplo, jornais periféricos, produções periféricas em favelas, que é também uma caminhada que eu fiz durante um bom tempo da minha vida, capacitando, trocando, informando. Você tem ali uma possibilidade – e o *Tá na História* estimula muito isso – de contar a sua história. Você não precisa de um terceiro para contar. Você não precisa que a televisão ou um grande blogueiro ou um grande *youtuber* ou mesmo que um grande *instagramer* vá até lá, *whatever*. Você pode estimular que os grupos locais façam aquilo em que eu acredito profundamente, que é a luta pelo território, que é mostrar que aquele território tem um valor histórico. Volto a dizer isso: parece que o valor histórico está muito restrito aos grandes centros, às grandes pessoas. Não é verdade. Então, a educação popular, a partir do estudo de mídia, pode e ajuda muito a gente a entender melhor por onde a gente está caminhando.

Na sua opinião, a educação popular, na perspectiva que apontamos, pode ser realizada no cotidiano das políticas sociais? Você teria alguma mensagem para profissionais que atuam na execução das políticas sociais? A exemplo de que tem trabalho nos equipamentos do SUAS [Sistema Único de Assistência Social], no SUS [Sistema Único de Saúde], na implementação de medidas socioeducativas aos adolescentes infratores, no sistema prisional etc.? Ou seja, em relação a um potencial trabalho educativo a ser desenvolvido com as usuárias e os usuários dessas políticas?

Sim, sim. Lógico que dá para fazer. Não existe uma fórmula. Claro que cada um tem os seus desafios. A gente já sabe da dureza do

trabalho de cada um; portanto, incluir mais um ponto a ser feito é desafiador mesmo. O que eu sempre sugiro é que a gente nunca deixe de falar da nossa visão, da nossa trajetória, dos nossos aprendizados. E é possível fazer isso a partir de vídeos curtos, de até mais ou menos um minuto, que acabam alcançando mais pessoas. Pessoas que, muitas das vezes, têm informações sobre os trabalhos com adolescentes infratores, a partir do olhar de terceiros, não é? E, em muitas das vezes, os olhares são lotados de preconceitos. Então, nada melhor do que nós contarmos essa realidade para que pelo menos se consiga, com um tijolinho, trazer um múltiplo olhar. Não é preciso fazer grandes investimentos, não necessitamos de câmeras, porque isso daí é uma falácia. Nós podemos fazer com celulares, contanto que o conteúdo seja atraente. E, cada vez mais, eu sugiro que a gente traga também diferentes pessoas para que sejam protagonistas. Quanto mais diferentes protagonistas nós tivermos, melhor.

Thiago, eu e os integrantes do Compass queremos lhe agradecer por compartilhar conosco sua experiência e por nos aproximar de sujeitos que fizeram história no seu tempo e dos quais somos herdeiras e herdeiros. Isso nos faz pensar que também estamos fazendo história. E aí, no seu estilo, deixo uma provocação para quem nos lê: você já pensou em quais contribuições deixará para as futuras gerações? E, para não perdermos a oportunidade, parafraseamos o seu bordão: “Curtiu? Tá na história. Não deixe de compartilhar”.